

DIRECCÃO-GERAL DE PROTECCÃO DO LIVRO
Comissão Literária de Portugal
Entrada N.º 1394
Data 28.9.33
L. com 25.000
C. de 15.



Poesias

de



Maria da Graça Pinto

COTA 8
NÚCLEO LITERATURA
REGISTO
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE NISA

Aqui apresentamos grande parte dos versos feitos pela Sr^a Maria da Graça Pinto, nascida no dia 23/12/1921, na Freguesia de Espírito Santo em Nisa, casada com José de Oliveira Esteves, têm um filho que "devido à falta de fábricas", como ela nos diz nas suas poesias, teve que emigrar para França. A Sr^a Maria Pinto tem a 3^a Classe "mal feita", e começou a fazer versos à cerca de vinte e três anos.

Tem dedicado toda a vida ao trabalho no campo e em casa. Actualmente levanta-se bastante cedo. Dá 1667 passos para chegar à sua hortinha, quando vai carregada dá mais 110. Tem sachado muita milharada na "seiceira" e noutras terras do nosso concelho. Hoje em dia vai duas vezes à horta, uma de manhã e outra ao fim da tarde para trazer leite de ovelha para fazer os tradicionais e muito apreciados queijos de Nisa.

Numa curta conversa que tivemos com ela disse-nos: "Tenho uma vida muito presa. Ainda no dia de Páscoa e no de N. Sr^a da Graça mal soube que se festejaram, pois eu não deixei de fazer os queijos e de ir à horta. Não tenho nenhum familiar que me ajude... Se eu apanho estes três anos passados para ter a reforma deixo esta cegueira e passarei a fazer versos e renda."

Apesar de ter pouco tempo disponível, à noite, ou ao romper da manhã, em completo sossego lá continua a fazer os seus versos.

Quando se fala com esta mulher nunca se fica sem se saber a última poesia. Desta vez mostrou-nos algumas relativas à sua mocidade e umas quadras que ia enviar à neta que lhe havia escrito.

Faz versos para todos os gostos. Quando alguém precisa de oferecer umas quadras a um familiar, ou amigo, vai ter com ela, diz-lhe de quem se trata e o que pretende, que em pouco tempo a nossa poetisa numa tampa duma caixa de caldos Knorr, ou numa folha amarelenta lhe os faz.

Este modo tão simples e fluente que é característico da sua obra é um dom de poucas pessoas.

As horas que dedica à sua arte são momentos preciosos do descanso que não tem, por isso o ti Zé lhe está sempre a dizer: "não tens vagar, mas porcarias que não te deixam nada estás sempre de roda delas".

Maria Pinto sabe que necessita de ganhar a vida, mas reconhece o seu valor e por isso continua. Maria Pinto nunca deixará de fazer versos.

Recolhendo alguns dos seus versos pensamos poder dar o nosso contributo a esta poetisa bem conhecida em Nisa.

Os colaboradores deste trabalho
Miguel Maria Curado Póvos
Maria da Graça Vieira
Maria de Lurdes Rovisco Castanho
Maria da Graça Matutino

O campo é a minha terra
nele passo a minha vida,
apanhar calor e frio
é esta a minha desdita.

De sete anos comecei
apanhar leite num burro
certos dias sabe Deus
cheia de medo e coração duro.

Montada num burrinho
às vezes cheia de medo
com vento e com frio
tremia cheia de frio.

Mas vezes vinha tarde
outros dias, vinha cedo
andava a olhar para os lados
e vinha às vezes com medo.

Depois fui guardar ovelhas
de ajuda com um pastor,
aí então já gostava
tinha um cão que era um amor.

Já dormia num chocinho
a ouvir cantar o mocho.
Cozia uma feijoada
depois comia-a no coucho.

Uma corna de azaitona
e conduto não havia,
levantava-me logo cedo
ao canto da cotovia.

Depois ganhei um borreguinho
filho da ovelha forneira
pus-lhe um escolho ao pescoço
era sempre o da dianteira.

Depois tornei a apanhar leite
já cantava nos caminhos,
quando encontrava família:
-- Bom dia, vou com o leitinho.

Quando cá chegava com o leite
tornava-me a ir embora
davam-me uma galhofa
para comer por aí fora.

Lá chegava ao local
já tinha a hora marcada,
dizia-me então o pastor:
-- Já lá vens ó camarada.

Depois vinha o outro dia
seguia a mesma carreira
cá vinha todos os dias
até ao fim da queijeira.

Custava um litro de leite
neste tempo três tostões,
e eu pedia a meu pai
para me comprar uns safões.

E quando acabei o leite
quis guardar uma cabrada,
arranjei uma flauta
e cantava à cabrada.

Assim passei a mocidade
a trabalhar noite e dia,
o ganho era tão pouco
não dava para o que comia.

Começava logo cedo
o dia não tinha horas,
o patrão ainda dizia:
-- Se não queres vai-te embora.

Dias Santos e Domingos
sempre havia que fazer,
muitos dias amargurados
tinhamos que os vencer.

Ganhava 50\$00,
seis alqueiros de centeio;
eles tinham a casa cheia
não lhe faltava o paleio.

Com o suor do pobrezinho
compravam propriedades,
hoje estão a vendê-las
têm esta infelicidade.

Até aos vinte e três anos
minha vida foi assim,
depois pensei em casar
e pensava para mim.



Quando eu tinha sete anos
Tive estas regalias
Puseram-me a apanhar leite
No couto da "Mari Dias".

Mal roupadinho às vezes
E vazia a barriguinha
Lá ia com frio e vento
Montado numa burrinha.

Depois "inda" fui ajuda
Dum pastor na "afolhação"
Às vezes eu perguntava-lhe:
#Quantos borregos já são."

Ali dormíamos os dois
Naquelas tristes palhinhas
Sabia todos os cantos
Da tapada das rouzinhas.

Naquela Costa da Lapa
Fui guardar uma cabrada
Andava todos os dias
A fazer esta jornada.

Também andei muito tempo
Na tapada dos "Agodinhos"
Era o meu ideal
As chibas e os chibinhos.

Por "li" passei algum tempo
Às vezes tinha receio
Ganhava naquele tempo
Um alqueire de centeio.

Depois fui guardar ovelhas
Pouco mais ganhava ou nada
Ia para a Cevadeira
E p'ra tapada da levada.

Também "inda" guardei porcos
Na tapada da Morgada
Foi assim o meu viver
Não tenho gozado nada.

E naquela Coutadinha
"Inda" fiz uns "alavôs"
Nesse tempo lá no campo
Usava "agente" uns "safôs".

Muito milho e centeio
Levei p'ra lage dos Menizes
Nesse tempo os pobresinhos
Eram uns "desinfelizes".

Na tapada da Cancha
Muita ovelha guardei
Levava eu no sarrão
Duas fatias de pão "centeio".

Lá andei naqueles campos
Era a minha missão
Fiz a primeira queijeira
Na tapada do "Boião".

Depois deixei o "Boião"
E passei para a "Cecêra"
"P'razeitada" também vou
Será até que Deus "queira".

Lá vem a minha mulher
Visitar-me quando calha
Aqui durmo neste choço
Numa caminha de palha

Agora faz ela os queijos
E eu guardo o "rebanho"
Quando mal me "descudo"
São horas de ir ao "ordenhe".

É triste o meu viver
Não gozo nada na vida
Já pouco cá andarei
Vou dar a despedida.

As estrelas me acompanhem
E o sol de cada dia
A guardar o meu rebanho
O meu "cázinho" é o guia.

Deus sempre me tem guiado
Para o caminho do bem
Dá-me sempre boa fé
Para o amar também.

"É tenhe amor ó gado"
Sou um pobre "pastorinho"
Já me "encontre aborreçide"
De viver assim "sozinho".

COISAS E LOUSAS DA MINHA VIDA

Aqui ando nestes campos
de dia e noite ao desdém
passo aqui noite e dia
em casa não há ninguém.

O meu filho está longe
penso nele noite e dia
passo por cá muito tormento
ganho o pão de cada dia.

É triste o nosso viver
por cá sempre ao Deus dará
a vida está de tal forma
quem sabe ainda o que será.

Tenho dias de amargura
e noites de escuridão
às vezes gela e faz frio
até corta o coração.

Mas o gado é companheiro
adoro-o desde criança
para mim é o ideal
vivemos sempre na esperança.

Inda não é madrugada
lá vai ele para o aprisco
vai o cão acompanhá-lo
na tarefa não desiste.

Acaba de ordenhar
começa a aclarar o dia
deita as ovelhas ao bardo
e chama a sua Maria.

Lá dou saída do choço
às vezes frio e geada
vou a caminho de casa
e faço uma lumarada.

Tenho o leite, a coalha,
faço os queijos e o café.
Vai o Zé mudar o fato
assim é que isto é.

No choço passo a noite
meu fato é a cabeceira
estou toda a noite alerta
até nascer a cabreira.

Acaba o Zé de ordenhar
lá vou do choço a correr
às vezes sabe Deus como
mas isto assim tem de ser.

Aqui ando todos os dias
é sempre a mesma carreira
já vou estando cansada
desta vida da queijeira.

Deitamo-nos logo cedo
neste choço de palhinha-
quantas noites eu acordo
ao canto da hortinha.

Aqui andamos os dois
não se vê por cá ninguém
nem sei se é dia de festa
isso assim não anda bem.

Tem de voltar ao antigo
as vaquinhas a lavrar,
mas não há quem as crie
pois ninguém quer trabalhar.

Só se vê vacas sozinhas
por aqui e por além
só se vê mato e giesta
e não se vê mais ninguém.

Tanta terra abandonada
está feita em vale bravo
terras que dava dantes
p'ra governar três e quatro.

Os donos não as trabalham
a pagar tanto não dá
é esta a vida moderna
quem sabe inda o que será.

Metem os filhos ao estudo
tanto o pobre como o rico
alguns aprendem bons vícios
depois é que é bonito.

Para quem quer trabalhar
hoje em casa têm fartura
não é com boas pastagens
que dá a agricultura.

Quem trabalha, hoje é rico
eu tenho esta opinião,
porque a terra hoje dá
a quem faz pela sua mão.

Os que nunca foram homens
hoje têm grande valor
arrendaram alguns terrenos
armaram-se em lavradores.

Outros deixaram a terra
e foram para o estrangeiro
compraram propriedades
hoje estão cheios de dinheiro.

Tudo come e traja bem
já é tudo por igual
acabaram com o mau
viva o nosso Portugal.

O vinte e cinco de Abril
foi o pai dos pobresinhos,
antes disto havia escravos
e infelizes coitadinhos.

Vamos todos trabalhar
com amor e união
ajudemo-nos uns aos outros
a bem da nossa Nação.

Muitos ganham o dinheiro
e não querem trabalhar
mas fazem de sentinela
e a escova a engraxar.

Nesta caminha de palha
às vezes pouco macia
muitas noites sem dormir
deserta que seja dia.

Deito-me inda ar de dia
neste choço a pernoitar
só ouço ladrar os cães
ranachos e mouchos cantar.

Também canta à noite
a raposa gaiteira
canta o grilo e a cigarra
isto não é brincadeira!

O gado faz barulho
com os " chocalhos " a bater
levanta-se o meu marido
antes de amanhecer.

Leva o gado ao aprisco
e o cão sempre ladrando
às vezes à água e ao frio
eles lá vão sempre andando.

As três e meia lá vái
fico eu no choço sozinha
e depois ainda tem
que ordenhar as cabrinhas.

Depois de feito o ordenho
trás as ovelhas ao bardo
chama logo a Maria
para lavar a aferrada.

Levo o candeeiro aceso
para ver melhor o caminho
às vezes ainda tropeço
tenho de ir com geitinho.

Meu marido leva o leite
e vamps os dois então
já lá vem a madrugada
e as estrelas já lá vão.

Depois chegamos a casa
faço logo lumrada
tenho de aquecer a água
e fazer a cafésada.

Depois da água estar quente
vou lavar o paneirão
depois de tudo lavado
faço os queijinhos então.

Acabo de fazer o queijo
o leite gordo vou cozer
lavo o coador, vou à fonte
sempre tenho que fazer.

O meu marido vai
mudar o bardo e o aprisco
vai o cão acompanhá-lo
agarra o gado se é preciso.

Depois saem com o gado
para a sua pastoria
quando pode vem comer
o cão é a sua guia.

Ao meio-dia torna a ir
as ovelhas ordenhar
quando calha vou lá ter
lá o estou a acompanhar.

Lá vai ele atrás do gado
até chegar ao local
vem o cão sempre ladrando
mas a nós não nos faz mal.

É o nosso companheiro
quer de noite quer de dia
diz-lhe a gente: — olha aquela
e ele vai com alegria.

Quando ao fechar a noite
vamos com o gado p'ro bardo
não se vê por lá ninguém
o campo está desprezado.

A vida está do pior
não se vê por cá ninguém
já há poucos pastorinhos
e vão acabar também.

É o cão meu companheiro
guarda de noite e dia
manda-se aqui e além
do meu gadinho é o guia.

Cá vou com a minha tarefa
apanhar frio e vento
para se ganhar a vida
passo cá muitos tormentos.

Aqui ando todo o ano
sem ter um dia de meu
é triste o meu viver
a sina que Deus me deu.

Andamos por cá muitos dias
sem falar para ninguém
durmo com a porta aberta
e o meu gadinho também.

O tempo está do pior
p'ra vida da agricultura
quem não era, hoje está
a fazer grande figura.

As jornas são elevadas
os rendimentos não dão
hoje só pode ganhar
quem faz pela sua mão

Não sei o que diga à vida
tudo mudou de figura
ninguém pensa em seguir
a vida da agricultura.

Vejo homens que eram pobres
que nunca viram vintém
hoje já metem figura
já me parecem alguém.

Com traço de alta classe
bons prédios para viver
ainda bons automóveis
que andam sempre a correr.

Mas Deus está lá em cima
não quer luxo nem vaidade,
muitas vezes a tolice
dá-lhes é infelicidade.

Nós somos todos iguais
mas sempre houve guião
muitos deles já não falam
só tem opinião.

O dinheiro não vale nada
sem a graça do Senhor,
o pouco com Deus é muito
e o muito sem Deus é dor.

Quando andavam nas colheitas
davam cozinha aos criados
e à hora de comer
lá chegavam com os canados.

Os canados aviados
de feijão preto e toucinho
e farinheiras também
e também pão centeizinho.

E tudo sabia bem
sempre havia apetite,
hoje aventa-se o toucinho
já gostam mais de chouriço.

Almoçava-se de noite
papas em molho de toucinho
era o café dos pobres
eram uns desgraçadinhos.

Saiam de casa cedo
ao romper da madrugada,
lá iam os lavradores
a cavalo nas montadas.

Hoje já sai tudo alto dia
com uma boa cafésada,
um bom lanche p'ro almoço
e boas motorizadas.

Trabalham as oito horas,
mas muitos não as trabalham
são os que querem ganhar mais
e mechem pouco mais que a palha.

Muitos armam-se em vaidosos
parecem gente de bem
vão p'rós cafés vender jogo
mesmo sem terem vintém.

Dizem que há falta de emprego
mas tudo mete figura,
mas ninguém quer seguir
a vida da agricultura.

Tanta terra abandonada
os campos metem horror,
o tempo está do pior
p'ra vida do lavrador.

Vou de novo p'ras ovelhas
já tenho uma companheira,
assim andei alguns anos
depois fui fazer queijeira.

Cavo milho e feijão
e também bom batatal,
aqui ando noite e dia
o gado é o meu ideal.

Tenho galinhas e galos
p'ra cantarem p'la madrugada,
tenho o cão por companheiro
a ladrar pela alvorada.

Aqui ando nestes cantos,
a minha mulher também,
tantos dias que se passam
sem a gente ver ninguém.

Trabalho de noite e de dia
e durmo de porta aberta
quando o cão ladrar o cão
l vanto-me e ponho-me alerta.

Tenho 55 anos
já vou estando cansado,
mas eu sou filho do campo
e o campo está despresado.

Não tenho um dia de meu
tenho muitos de amargura
o meu coração tem dias
tristes como a noite escura.

Vêm homens trabalhar
chegam cá alta hora
quando mal me descuido
já eles se vão embora.

Logo às 4 da manhã
vou ordenhar o gadinho,
depois vou mudar o bardo
é este o meu cafésinho.

Quando é às 2 horas
venho ordenhar outra vez
é assim a minha vida
com amor e altivez.

Faz a minha mulher os queijos
e eu ando na pastoria
assim passo o meu tempo
e mais a minha Maria.

Quando vou ver minha terra
breve tenho de voltar
pode ir algum matreiro
querer ir-me assaltar.

Eu sigo com meu destino
dormindo nestas palhinhas,
às ovelhas tenho amor
ao meu cão e às cabrinhas.

Ao ar livre tomo banho
em pias de água corrente,
casa de banho é a terra
ao ar frio e ao vento.

Falam na reforma agrária
e não me falta a confiança,
mas ao menos tenho fé
de um dia ter esperança.

Já fui à França e vim
já abracei quem eu queria
era o meu filho querido
que há um ano não via.

Fui ver também minha irmã
e os meus queridos sobrinhos
e meu cunhado também
este pobre aleijadinho.

Era um homem tão perfeito
e cortaram-lhe uma perna
mas com a graça de Deus
a sua vida governa.

Tantos desgostos tem tido
a minha irmã coitada
com seis filhinhos que tem
esta pobre desgraçada.

Cá passou grandes tormentos
com lidas e amarguras
e com a graça de Deus
trabalha e tem farturas.

Sempre tem gente doente
e com calma os vai tratando
o destino está marcado
e o tempo vai-se passando.

Já vi o que não esperava
de França não gostei nada
ouvia tudo falar
e eu sem dizer nada.

Foi o meu filho operado
e eu ia ao hospital
Dizia cá para mim
tomara-me em Portugal.

Via tudo a conversar
e eu sem nada entender
dizia cá para mim
o que estarão a dizer.

Quando cheguei a Espanha
num comboio tão maçador
dizia para os companheiros
valha-me Nosso Senhor.

Quando cheguei a Andorra
sem nada compreender
queria tirar bilhete
e não sabia dizer.

Marcaram-me o passaporte
e às malas deram revista
a Família era tanta
que até me doía a vista.

Seguimos pelo comboio
até São Pierre então
aí já estava meu filho
abracei-o com satisfação.

Estava também meu cunhado
tudo com grande alegria
levaram-me para casa:
— Filhos venham ver a tia.

Gostei de ver minha irmã
sobrinhos e sobrinha
só me custa ela estar
no hospital doentinha.

Muita gente tem prazer
do mal que cada um tem,
mas Deus não dorme e bem sabe
recompensá-los também.

Nada tive que dizer
por todos fui estimada
mas eu estava deserta
para chegar à minha casa.

Vim-me para Portugal
com lágrimas no olhar
pedi a Nossa Senhora
para o meu filho guiar.

Lembrava-me o meu marido
que o deixei cá sózinho
a guardar o seu rebanho
este pobre pastorinho.

Ele me deu a liberdade
de França ir visitar
Deus lhe dê muita saúde
que eu não lhe posso pagar.

Nossa Senhora da Graça
atendeu o meu pedido
deu-me o gosto e o prazer
de abraçar o meu filho.

Ao entrar em Portugal
até o Sol brilhava
já o terreno era outro
por onde a gente passava.

Adeus França passa bem
Adeus França já me vou
não gostava de aqui viver
e é por isso que eu me vou.

Filho do meu coração
está chegada a tua luta
dia nove de Janeiro
começa a tua recruta.

No quartel de Castelo Branco
te deves apresentar,
mas filho toma " corage "
para bom serviço prestares.

Sei que vais estranhar muito
os carinhos da mãe querida,
já tens de fazer a cama
e comer outra comida.

Eu de ti nunca me "esquece"
e faço tudo o que puder,
mas filho toma " corage "
vais a Pátria defender.

Se fores p'ro Ultramar
não tenhas medo, afinal
morre homem fica a fama;
vais defender Portugal.

Se tiveres infelicidade
eu chorarei toda a vida
adeus meu querido filho
está chegada a despedida.

Estima bem quem te ama
e aos que te querem bem
eu tenho ouvido dizer
que há mal que vem p'ra bem.

Adeus meu querido filho
Adeus meu querido João,
vais-te mas ficas guardado
dentro do meu coração.

Dá-te bem com os companheiros
porque todos são iguais,
faz tudo o que for preciso
respeita os oficiais.

Querido filho tem calma
não se sabe o teu futuro
faz por teres a alma forte
e também coração duro.

Não te esqueças de escrever
não te faças mandrião,
mois com as tuas palavras
alegrarás o coração.

Agora vais para perto
vem-me ver quando puderes
cá há muito quem te ensine
aquilo que não souberes.

Se fores para mais longe,
não se sabe o que será,
filho não podes fugir
ao destino que Deus dá.

Agora vou estranhar
esta tua companhia,
porque a nossa casa é pobre,
mas sempre tem alegria.

Depois do tempo cumprido
se Deus te trazer com bem
a ti e aos teus companheiros
era para nós grande bem.

Cidade de Castelo Branco
não me sais do sentido,
faz do meu filho um homem
como ele em Nisa tem sido.

Dizes adeus ao teu pai
com mágua no coração,
mas filho toma coragem
vais defender a Nação.

Dizes adeus aos teus amigos
e à nossa vizinhança,
ó filho tem sempre fé
na Senhora da Esperança,

Não tenhas pena meu filho
de ires ser militar,
pede a Deus saúde e sorte
para nos vires visitar.

Escreveste aos teus tios
lá p'ra longe uma cartinha,
adeus tios estão lá longe
que sorte será a minha.

Ao recordar-me o passado
dos tempos que já lá vão,
como tudo demudou
e me dá admiração.

Quando eu era criança
passei tormentos de dor
pois se havia pobreza
com mal trato que horror.

Comia-se pão centeio
às vezes tão trigueirinho
era dado por medida
molhado ali num caldinho.

Deixava-se numa bacia
um caldinho de feijão
deitava-se-lhe azeite
e molhava-se o pão.

Era para nós alegria
ao vermos este petisco,
a carne andava de férias
para os pobres era triste.

Só os fidalgos neste tempo
é que comiam pão trigo
lá matavam um porquinho
isto não era comigo.

Eu sonhava por ir aviar
um recado às vizinhas
ia na esperança de me darem,
p'ra comer melhor coisinhas.

O comer era tão fraco,
mas tudo sabia bem,
era o tempo da miséria
o pobre não tinha vintem.

Andávamos trabalhando
desde que rompia o dia,
cantando alguma cantiga
nesso assim era alegria.

Lá dormíamos toda a semana
a cama era valha e tiesta
como o tempo demudou
não há vida como esta.

Por aqueles acinçais
As noitas e às mondas,
A bolota e a azeitona
sempre havia que remar.

Depois saçava-se o milho
era grandes milharadas
de madrugada até à noite
a suzar pela enxada.

Tinha o patrão duas partes
e a gente só tinha uma,
alguns ainda diziam
o tabaco é p'ra quem fuma.

Enchiam os seus celeiros
com o suor dos desgraçados,
trabalhavam noite e dia
por dez réis de mel coado.

Coitados eles morreram
e os filhos estão a sofrer
aquilo que os pais deixaram
têm os filhos que vender.

PORTUGAL MEU PORTUGAL

Portugal meu Portugal
não me esqueces noite e dia
és para mim ideal
país da minha alegria.

Eu amo-te com carinho
és tu a minha beleza
lembra-me os tempos passados
minha Pátria portuguesa.

És o berço dos meus pais
e meu quando era criança
és o símbolo português
por ti tenho esperança.

França foi a vossa mãe
para nos dar nova vida
mas de Nica não me esqueço
adeus minha terra querida.

Já de tudo com fartura
nada nos falta afinal
mas eu nunca me esqueço
a minha terra Natal.

França do pobre fez rico
é uma bela nação
mas Nisa minha adorada
tem lugar no coração.

Portugal todos os pobres
andavam sem segurança
trabalhavam noite e dia
o patrão enchia a pança.

Mas Portugal hoje já tem
para todos regalias
o grande não quer trabalho
pois vivem com agonias.

Já tudo abriu os olhos
neste país ideal
o vinte e cinco de Abril
deu brilho a Portugal.

Tudo tem que trabalhar
cada um como entender
mas este como é duro
muitos não o querem roer.

Não sei que tempo é este
para haver tanta liberdade
esta gatinha moderna
não goza bem a mocidade.

Passeiam com os namorados
por aqui e por além
por onde lhes apetece
em sítios que não convem.

Nem camisa já se usa
trazem o corpinho ao léu
não se importam de mostrar
aquilo que Deus lhe deu.

Lá se beijam e abraçam
seja à frente de quem for
devia haver mais juízo
porque assim não é amor.

As mães dão-lhes liberdade
não pensam o que será
anda tudo abraçadinho
é destino que Deus dá.

Garotos com pouca idade
já gostam da brincadeira
são brincalhões como os ratos
ao cair na ratoeira.

Têm grande linguagem
mais que os velhos de outrora
vai tudo atrás uns dos outros
é assim a vida agora.

Dantes estava-se em casa
esperava-se o namorado
hoje vão passear as ruas
correm a vila e o arrabaldo.

As antigas acompanhavam
as filhas a toda a parte
hoje é diferente o namoro
todos têm a mesma arte.

Namorava-se à porta
sentados numa cadeira
a mãe sempre estava alerta
havia outras maneiras.

Ia-se a qualquer lado
levava-se companhia
hoje anda tudo sozinho
quer de noite quer de dia.

Bailava-se em qualquer casa
com flauta ou consertina
hoje é jaz do rototó
este toque não combina.

A dançar estão parados
não dão a volta ao salão
estão unidos uns aos outros
é o xixi do coração.

Passeiam a qualquer hora
nos carros a viajar
muito custa a quem é pai
este sofrer a mastigar.

Muitas delas depois casam
nem sabem lavar a roupa
depois são as mães criadas
e os filhos tornam-se poupas.

Só gostam de andar na rua
pintadas a todo perceito
a sobranceira rapada
e alfinetes ao peito.

O respeito acabou
pra gente nova que horror
por danos El Rei tem costas
era mais fino o amor.

Tudo mudou com o tempo
e nós mudamos também
é esta a vida moderna
que para todos convém.

Vai-se à missa como calha
mangas curtas, em cabelo
isto não parece bem
torna-se até desmasêlo.

A vida hoje é assim
já nada é estranhado
é esta a vida moderna
ninguém anda como é dado.

Hoje alguns estão a comprar
a muitos que tinham vento
agora estão a pensar
que ainda há-de vir este tempo.

Ai Portugal que já tens
para todos regalias
o grande não quer trabalho
pois vive com agonias.

Abençoados os homens
que têm tanto poder
reformaram os velhinhos
depois de tanto sofrer.

Deus compadeça por todos
nos livre de todo o mal
viva o nosso 1.º ministro
que luta por Portugal.

Já não sei que vida é esta:
tudo p'ra França a abalar.
Só vão ficando os mais velhos,
pouco podem trabalhar.

Tudo só pensa em ser rico
vai acabar a pobreza.
Se isto assim continua
não há pobres concerteza.

Vai tudo atraz uns dos outros,
para a riqueza alcançar;
muitos deixam bons empregos
e vão para a França cavar.

Se isto assim continua,
só cá ficam os velhinhos
que, coitados já estão velhos
p'ra abandonar os seus ninhos.

ORFÃO DE PAI

Adeus ó João Manuel
na vida tens dado ais
quando foi aos 11 anos
ficaste orfão de pai.

Ficaste com tua mãe
e com tua irmã também
hoje bem a podes estimar
porque não tens mais ninguém.

Tiveste um bom padrinho
que te ama com amor
logo que perdeste o pai
conheceu a tua dor.

Por lá te trouxera sempre
até ires ser militar
por isso nunca te esqueças
que tens de o estimar.

Foste para Castelo Branco
cumprir a tua missão
tua mãe sempre chorava
-- " Ai filho do coração ".

Foste depois p'ra mais longe
a cumprir o teu dever
quantas vezes nos dizia:
-- " O meu João sem escrever ".

De ti nunca se esquecia
com fé de te abraçar
tinha os dias bem contados
que tu havias de chegar.

Foi-te esperar ao desembarco
com a tua vida cumprida
a tua irmã muito amiga
pois já morreu a tua mãe querida.

Temos os nossos padrinhos
devemos-lhe a criação
porque sempre nos amaram
dentro do seu coração.

Deus lhes dê saúde e sorte
e aos seus filhos também
eles são os nossos pais
são eles o nosso bem.

Adeus minha querida mãe
não me esquece a despedida
dá-me pena em nossa casa
não ver mais a mãe querida.

Pai Nosso, Avé Maria
aos meus queridos paisinhos
ao chegar fui logo ver
os meus queridos padrinhos.

Ao chegar a nossa casa
não vi minha mãe querida
chorei com pena e dor
lembrei-me da despedida.

Estava sempre ansiosa
para notícias saber
sempre tinha na ideia
que havia de morrer.

Ainda houve quem a fez
tirar uma fotografia
mas sempre triste coitada
nunca mais teve alegria.

Foste para o Ultramar
ela nunca se esquecia
coitada sempre dizia
que já nunca mais te via.

Sempre doente coitada
adivinhou a sorte
de ti nunca se esquecia
até à hora da morte.

Só cá tens a tua irmã
só te resta este raminho
bem a podes estimar
que te ama com carinho.

No meu tempo, as raparigas
todas tinham distinção;
havia ricos e pobres,
não havia " opinião ".

Há certos pais, coitadinhos,
lá no campo fatigados.
E os filhos nos cafés,
como ricos, abonados.

Pobre e rico, nos cafés;
não há vida como esta,
sempre vestidos de novo,
parece que vão à festa.

Lá se ficam nos cafés,
tudo de perna trocada,
lá vão comendo e bebendo
e fumando a cigarrada.

Hoje muitos vão à França,
na ambição do dinheiro,
outros vão para mais longe,
tudo vai ao estrangeiro.

As mulheres mudam logo,
tudo passa a trajar bem,
já deixam de trabalhar,
porque os homens ganham bem.

Vão atrás umas das outras,
sem nada lhes meter medo;
e compram logo alianças
para meterem no dedo.

Hoje a vida é assim,
não sei onde irá parar.
Temos de tapar a boca,
ninguém pensa em trabalhar.

Temos de comer o luxo
e a vaidade também.
Nesta era em que estamos
poucos ajuntam vintém.

Vão acabando os artistas,
já ninguém vai aprender
e bem poucos eles são,
não sei o que há-de ser.

Já ninguém aprende officio,
fingem que vão estudar,
mas têm pouca vontade,
pois vão à bola jogar.

Antes pobre do que rico,
com esta vida de agora,
o pobre faz o que quer,
não lhe agrada vai-se embora.

Ainda sou sachadeira,
no campo gosto de andar.
Vou cantando uma cantiga,
para o tempo se passar.

Eu gosto de andar no campo,
porque ele me dá o pão.
Anda lá o meu marido,
de cacheirinho na mão.

Por lá passo muitos dias,
trabalho como a formiga:
sacho o milho e o feijão,
ando assim até fadiga.

Da agricultura vem tudo
p'ra nossa alimentação.
Damos à terra o esforço,
p'ra não nos faltar o pão.

Se faltam trabalhadores,
não sei como isto será.
Gente nova só se emprega.
Esta vida não está má...

Todos devem trabalhar,
ninguém deve andar parado.
só assim é justo querer
ganhar um bom ordenado.

Começou o carnaval
Começou a brincadeira
Hoje não sabem dançar
Os pratos na "quintareira".

Com a aldeia das Vendas Novas
Não se sabem divertir
Não há quem apanhe as pulgas
Já as deixaram fugir.

Dantes vestiam as moças
Saias de faixa encarnada
Com sete panos e oito
Davam grande rabanada.

Com as roupinhas de seda
E os lenços de cachiné
À porta do Mártir Santo
Todos batiam o pé.

Eles de jaqueta curta
E de cinta encarnada
Com a camisa de linho
Atrás das moças andavam.

A dançar a dos dois passos
Até o sino tocar
Com a saia muito comprida
A tapar o calcanhar.

Cantavam eles e elas
Naquele tempo era assim
Os pratos da "quintareira"
Estão sempre talim, tim, tim.

Havia um homem antigo
No dia do Mártir Santo .
Corria as ruas de Nisa
Com o seu cavalo branco.

Dizia a rapaziada
Este tempo já passou
A barra da minha saia
Foi você quem a queitou.

Todos os dias saíam
Com o seu traje variado
Todo vestido de branco
Com o fato de noivado.

Todos os dias saíam
Com o seu traje variado
Traziam um beberinho
Parecia um baptizado.

Parecia um baptizado
É verdade certo é
Zumba ai zumba lare
Na barra da saia o Zé.

Era muito engraçado
Com a graça que tinha
Diziam p'rá bonequinha
Dou-te um beijo na carinha.

Já acabou o entrudo
Nem sei o que hei-de dizer
Porque agora o carnaval
Está todo o ano a aparecer.

Há tanta coisa moderne
Nem sei o que hei-de dizer
Tudo anda atrás da moda
E ela vai sempre a correr.

Somos todos impostores
Não há vida cope esta
Hoje no traje é tudo igual
Não há vida como esta.

Hoje os rapazes já usam
O cabelo à Joaninha
Querem-no deixar crescer
Para lhe porem uma fitinha.

E as moças esgadelhadas
Até mudam de figura
Para serem delicadas
Apertam a cintura.

Vizinhos do Mártir Santo
a casa lhe vão cair,
vão todos com devoção,
à sua ermida rezar.

Dão esmolas os que podem
para ajuda da festa,
aqui na vila de Nisa,
não há outra como esta.

Vão as vizinhas solteiras
p'ra festa pedir esmola.
Também vão tocar o sino
os garotos da escola.

Enfeitam então o largo.
Bonito, que é um encanto.
E ali vai o povo todo
adorar o Mártir Santo.

Está a banda a tocar,
e tudo presta atenção.
Lá se junta o povo todo,
a ver deitar o balão.

Os foguetes a estalar
para o povo é alegria.
Bailinhos é que não há,
como noutro tempo havia.

Também oferecem ramos,
alguns de grande apetite.
" Quem dá mais por este ramo ?
Isto é de alto limite "

No dia de Mártir Santo
é que começa o Entrudo,
mas, pelo que estou a ver
inda vai acabar tudo.

Havia um homem antigo
amigo do Carnaval,
anunciava o Entrudo
montado no seu cavalo.

Corria as ruas de Nisa;
mas isto já acabou.
Dizia: " a barra da saia
foi você que a queimou ".

Vestido às vezes de anjinho,
queria voar para o céu.
Dizia: " ai zumba laré,
na barra da saia, ao Zé ! "

Vestia saia encarnada,
sem ter vergonha nenhuma.
A caixinha do tabaco,
que é só para quem fuma.

Era muito divertido,
o novo fazia rir.
Dizia: " matem as pulgas
que não me deixam dormir ".

Era um homem engraçado;
para cantar tinha ideia.
" Aldeia de Vendas Novas
de Vendas Novas Aldeia ".

Sempre estava bem disposto,
p'ra ouvir corria tudo.
Fechem-me aquele postigo,
que nos abala o Entrudo.

Para fazer os " compadres ";
tinha esta opinião:
guardava para o jantar
um bocado de lacão.

Arroz doce p'ras comadres
gostava de oferecer.
Dizia: " dá-me um abraço !
Ai isso não pode ser! "

Quando acabava o Entrudo
lá o ía a enterrar.
A malta toda corria
com chocalhos a tocar.

Hoje o Entrudo acabou.
Não sei dizer o que é.
Há só fazendas modernas,
acabou o catimbé.

Havia lindos bailinhos,
cantava a rapaziada,
com fatos de surubeca
e com a cinta encarnada.

Até usavam tamancos,
a bota muito brochada.
" Bota agora cá licença;
oh!minha rosa encarnada ".
.

Dancavam já a dois passos
os que sabiam dançar,
ao som de harmónio e flauta,
ou de um pífaro a tocar.

Os lencinhos no pescoço
e a roupinha de menino,
dancavam no meio da rua,
até que corria o sino.

Saia de facha encarnada
e sapato de veludo.

"Aldeia de Vai-ao-Monte",
já se nos vai o Entrudo.

Dançava-se numa loja,
à luz de uma candeia;
já ninguém comia nada,
depois de comer a ceia.

Com a saia tão comprida,
até lhe tapava o pé.
Com os lenços no pescoco,
na cabeça o cacheneé.

Aqueles bailes na rua
tudo gostava de ver.
Anda o fogo em todo o lado,
as ondas do mar a arder.

Belos bailes de casados,
tudo canta com ardor;
vamos nós de braço dado,
vamos falar no amor.

O tempo antigo acabou;
para os pobres foi um bem;
traja melhor que o rico,
porque ganha bom vintém.

Na Paz de Deus

Chegou a Semana Santa,
temos muito que fazer:
a casa para assear,
os bolos para cozer.

Não os de luto pesado,
ou alguns que estão ausentes;
ou alguns bem pobrezinhos,
ou outros que estão doentes.

Perde-se a noite inteira,
para o bolo se cozer;
mas isto é costume antigo
não o queremos perder.

E temos de ir à igreja
adorar Noss. Senhor;
é dever que todos temos,
lá morreu por nosso amor.

Quinta e Sexta é a Paixão,
Sábado a Aleluia.
Quem tem bacalhau em casa
que o avenge para a rua.

Dia de Festa da Páscoa,
felicidade vem dar;
a quem lêr este jornal
sempre Deus há-de ajudar.

Dia de Páscoa para todos,
é dia de alegrias;
tudo come e tudo bebe
junto das suas famílias.

É dia de comer bolos
e carne de borreguinho,
é dia em que os afillhados
pedem o bolo ao padrinho.

É Páscoa, cheira na rua
a carninha a refogar.
Desejo bom apetite
a quem comer o jantar.

Tudo faz por vestir bem,
dos ricos aos pobrezinhos;
é Primavera das flores,
já cantam os passarinhos.

É dia de ir para o campo
visitar os pastorinhos
que passam a vida inteira
a beber sempre sózinhos.

Mata-se o borreguinho
e lava-se o maranhinho,
faz-se o " sarapaté ",
bebe-se um copo de vinho.

Depois faz-se o afogado
e come-se um maranhinho,
canta-se uma cantiga
e venha mais um copinho.

É tarde vimos embora,
a Páscoa já lá não passa;
e vamos no outro dia
ver Nossa Senhora da Graça.

Vai a quaresma acabada
Já é Domingo de Ramos
Dizem que nesta semana
Temos de lavar os panos.

Já vem a semana santa
Temos de Cristo adorar
Assistir às cerimónias
P'ra nossa alma salvar.

Jesus sofreu por nós todos
E por nós ressuscitou
Só ele tem o poder
E a nós todos amou.

Ressuscitou por nós todos
No dia de Ressurreição
Deus por todos tem cuidados
Ama-nos do coração.

Esta Páscoa há-de chegar
Boas Festas para todos
Saúde, sorte e felicidades
Para comerem os bolos.

A Páscoa traz alegria
P'ra todos os namorados
É festa por todo o mundo
Para solteiros e casados.

A Páscoa traz alegria
Amor e muito carinho
Traga-nos bom apetite
P'ra comer o borreguinho.

Tristes dos que estão doentes
E dos que estão longe também
Que neste dia se encontram
Sem carinhos de ninguém.

Nasceu o menino Jesus
Numa triste manjedoura
São José o acompanhava
E a virgem Nossa Senhora.

Sobe ao céu uma estrela
Cheia de luz a brilhar
Os anjos vêm à terra
O Menino a acompanhar.

Vêm pastores aflitos
Com canedinhos de leite
A oferecer ao menino
E à mãe que lhe dá o peito.

Ovelhinhas e pastores
Tudo corre para Jesus
Porque o menino é Deus
Que nos vem trazer a luz.

Em Belém nasceu o menino
E os reis que o acompanharam
Os boizinhos bafejaram
Mas a mula resmungava.

Nesta noite de Natal
Todos estamos contentes
Desde o Menino à lareira
A levar os seus presentes.

Tudo come e tudo bebe
"Felhozes" e azevias
Lumes grandes na lareira
Cantemos com alegria.

Em Belém nasce o Menino
Os pais o aqueciam
Os reis o acompanham
Nosso Deus não o esqueciam.

Horas Tristes

Deu-se na França um desastre
dum português (coitadinho !) .
Tinha só 17 anos,
lá morreu desgraçadinho.

Ali vivia. Os pais
o amavam com carinho
Em França está sepultado
este pobre rapazinho.

Não teve tempo de nada,
ali morreu sem saber,
não falou para ninguém
nem soube que ia morrer.

Uma morte tão aflita
até corta o coração;
os amigos só o viram
já metido no caixão.

A sua mãe já tardava
o seu José sem voltar;
parece que adivinhava
o que se estava a passar.

Quando saiu do trabalho,
para sua casa vinha.
De encontro a um camião
a sua morte ali tinha.

Foram logo os portugueses
todos, a o acompanhar.
Confrangia o coração
ver os seus pais a chorar.

Ofertaram-lhe coroas,
última recordação.
Tinha lá sua família,
só não tinha sua irmã.

Seus pais, chorando de dor,
cortavam o coração.
Aí filho da nossa alma,
tanta dor, tanta paixão.

Triste sorte foi a tua.
Estavas na flor da idade.
Só tinhas 17 anos,
não gozas-te a mocidade.

Foi dia 7 de Maio
que tu deste a alma a Deus.
Nem soubeste que morrias,
foste para o reino dos Céus.

Andava a tratar da vida,
afinal, tratou da morte.
Quando de cá abalou,
já levava aquela sorte.

Devem apurar a causa,
a ver, quem foi o culpado.
Tu é que foste infeliz,
que já estás sepultado.

Estes rapazes de agora
não podem de nós falar,
pois a vida que alguns levam
muito tem que censurar.

Passam dias nos cafés,
a discutir futebol,
ou então andam na rua,
a gozar a luz do sol.

E quase todos a oito
nunca pensam no trabalho.
" Esta vida são dois dias ",
vamos todos para o " talho " .

Já não querem vida séria
já não querem trabalhar,
e são os pobres dos pais
que têm de os sustentar.

Bela vida de café,
em constante marmaceira,
mas pouco gasto lá fazem,
sem vintém na algibeira.

Vestem todos à pinoca,
às vezes sem saber ler,
querem falar com os finos,
mas só para inglês ver.

Se fazem algum exame,
já não falam a ninguém,
querem passar por fidalgos,
mesmo sem terem vintém.

Outros querem ser " doutores ",
e mais outras maravilhas,
mas ninguém os acredita,
mesmo que vão p'ra Cacilhas.

Usam grandes cabeleiras,
alguns já fazem trancinhas;
e, de calça justa à perna,
assim passam a vidinha.

Como se fossem alguém
muitos passam a casar;
nenhum tem modo de vida
para a mulher sustentar.

Mas depois, quando casados,
como não há mais recurso,
tratam mal suas mulheres,
só lhe dão comida de urso.

Isto assim não está certo,
e não tem geito nenhum.
Não andem desinquietando
as filhas de cada um.

Não podemos confiar
nestes boñecos armados
que não cuidam do futuro,
sem na vida ter cuidados.

Não lhes faltam bons anéis
e bonitos fatos novos,
mas a nós não nos enganam
mais brutos que o " Zé dos ovos " .

Há muitas terras pousias,
já ficam por cultivar,
porque dão pouco produto
e não dão para pagar.

Já ganham bons ordenados,
muito mais querem ganhar.
E às vezes não se apanha
um homem para trabalhar.

Já não se apanham criados,
tudo quer liberdade;
vão p'ra mestra as raparigas
todas cheias de vaidade.

Senhoras de alta classe
já têm de trabalhar,
porque hoje uma criada
custa muito a encontrar.

Seja pobre, seja rico,
anda tudo bem trajado;
está tudo fora de ordem,
ninguém anda como é dado.

Muitos julgam que a França
lhes vai dar grande valor,
mudam logo de figura,
mesmo que tenham penhor.

Tem dado alma a muita gente
aquela terra de França;
lá vão atrás uns dos outros,
lá seguem em boa es'prança.

Se o lavrador deixar a terra,
que será da nossa vida ?
trabalha e tem poucos lucros,
não lhe agrada esta fadiga.

Ó que vida desgraçada,
a vida da agricultura,
já ninguém quer trabalhar,
tudo quer fazer figura:

Há muitos campos pousios,
já têm pouco que ver;
daqui a pouco não sei
o que havemos de comer.

Tudo se quer empregar,
vão caminho de Lisboa.
Se isto não se mudar,
assim a vida vai boa...

Os cereais são baratos,
já não dão para pagar.
Assim o proprietário
é obrigado a parar.

As rendas são elevadas,
ferros e adubos também;
fartam-se de trabalhar
e não ajuntam vintém.

Se a terra não se cultiva
nenhum proveito nos dá.
Donde nos vem o sustento ?
Ai de nós, o que será !

Pouca gente sacha milho,
já há poucas sachadeiras,
pois agora as raparigas
só querem ser costureiras.

Algumas são perfeitinhas,
outras não passam de aselhas.
só pensam em se compôr
e rapar as sobrancelhas.

Se uma tem vestido novo,
vão as outras logo atrás,
até parece que julgam
que não arranjam rapaz.

Com treze e catorze anos,
logo arranjam namorados,
e nos bancos do jardim
passam as tardes sentadas.

Parabéns José Francisco
Parabéns e felicidade
Deus queira que apanhasses
Quem te ame com lealdade.

A tua mãe coitadinha
A todos hoje dá paixão
A amargura dela é grande
Leva até ao coração.

Os teus avós te acompanham
E os teus paizinhos também
Os teus tios do coração
Todos te estimam bem.

Já tens mulher a adorar
Mas ainda és criança
Deus queira que em boa hora
Gravasses a aliança.

Não esqueças quem te estima
Faz um lindo casamento
O bem querer chega a todos
Dai-lhe este contentamento.

Esta vida de casados
Ninguém sabe p'ro que vai
Estima tua mulher
Mas não esqueças teu pai.

Ó noiva Deus te proteja
Já tens nova companhia
Deus queira que o teu lar
Seja um ninho de alegria.

Estima o teu marido
Pois ele foi infeliz
Perdeu quem tanto o amava
O destino assim o quis.

Talkou-lhe o amor de mãe
Coitado foi grande a dor
Por isso Deus lhe dê sorte
E o que por seu amor.

Deus queira que em boa hora
Entrasses para a geração
Estima-o que é o teu dever
Que ele tem bom coração.

Dá alegria a teus pais
Não os esqueças também
Muita sorte vos desejo
Peço a Deus o vosso bem.

Viva os noivos e os amigos
Viva os pais e os padrinhos
Fumem-lhe mais uma cigarreda
Bebam-lhe mais um copinho.

Estamos todos a jantar
Aos noivos bom apetite
Vou beber uma pinguinha
Bebam todos que é bonito.

Vivam os pais dos noivos
E quem os veio acompanhar
Deus lhes dê muita saúde
Para os filhos ajudar.

Viva também os avós
Já vão estando velhinhos
Deus os proteja também
Que ainda hão-de ajudar os netinhos.

Viva também os padrinhos
Que os levaram à igreja
Deus lhes dê gosto na vida
Para que os meus olhos o veja.

Viva os tios, viva os primos
Os de longe e os presentes
Viva todos os que estão
A assistir ao casamento.

Viva a irmã do noivo
Que já hoje fica sozinha
Vai a saúde de todos
Bebam mais uma pinguinha.

Viva a nossa cozinheira
Aflita com o suor
Se o primeiro prato é bom
O segundo ainda é melhor.

Viva quem vos serve à mesa
Viva a nossa cozinheira
A carne está bem cozida
E a sopa é de primeira.

Viva todos quanto estão
E o primo José Figueiredo
Bebe este copo de vinho
E nada lhes mete medo.

Viva o tio António Pinto
Que já vai estando velhinho
Vai a saúde dos noivos
Este copinho de vinho.

Mais este copo de vinho
Que eu gosto da brincadeira
Viva a nossa sociedade
Viva o meu tio Nogueira.

Ó Adélia já deixaste
A criação de solteira
Agora já és casada
Meu ramo de erva cidreira.

José Carlos é teu marido
Do fundo do coração
Chegou hoje então o dia
Ao dares a direita mão.

Saíste de vossa casa
Com o ramo de laranjeira
Com um ramo de flores
Colhidas numa roseira.

Atrás de ti segue o Carlos
Com silêncio e alegria
Tanto ano a namorar
À espera deste dia.

Chegou hoje então o dia
Que findou vossa canseira
Tu és dele e ele é teu
Será até que Deus queira.

Seguimos para a igreja
Para tratar do casamento
Com os padrinhos e madrinhas
E os vossos pais muito contentes.

Chegou hoje então o dia
Que vocês mais desejavam
Do fundo do coração
Já há muito que se amavam.

Aqui está este descanto
Aqui à porta dos noivos
Tragam de lá a ferrafa
E a salva cheia de bolos.

Joaquim vais casar-te,
felicidades e amor.
Deus te dê sorte e graça,
e te guie por seu amor.

Vai mudar a tua vida
já tens mulher a adorar,
agora o que é preciso
é saberem-se estimar.

O bem querer dá p'ra todos
é esta a maior riqueza,
não esqueças a tua mana
nem a tua portuguesa.

Os teus tios te acompanharam
com alegria e carinhos,
de tão longe se deslocaram
pois são eles os teus padrinhos.

É Nisa a nossa terra,
mas não nos dá felicidade,
ma é ela o nosso berço
e por isso temos-lhe amizade.

O casar é um segredo,
só Deus sabe o que será.
Pois não podemos fugir
ao destino que Deus dá.

Deus queiro que em boa hora
gravassem vossa aliança,
façam um lindo casamento
com carinho e esperança.

Os amigos te acompanham
neste dia de amizade,
Deus abençõe o vosso lar
com muita felicidade.

Parabéns querido sobrinho
de todo o meu coração,
por pouco lidar contigo,
mas tenho por ti afeição.

Tens sido um bom aluno
por todos és estimado
tinhas grande inteligência
tudo tens aproveitado.

Os teus pais com sacrifícios
tinham gosto e prazer,
foi Deus que te protegeu
dando-te muito saber.

Dá gosto e alegria
essa tua inteligência,
damos glórias a Deus
por esta grande ciência.

Aproveitavas o tempo
ainda eras menino,
livraste-te da Brincadeira
nunca te fugiu o tempo.

Com muita força de vontade
cuvaste a tua memória.
Quanto a mim dá-me prazer,
aos teus pais a melhor glória.

Sempre forte dispensado,
ganhaste bolsa de estudo.
E com força de vontade
Deus socorreu-te por tudo.

A tua mãe lamentava
o teu pai como pedreiro
fizeste vinte e dois anos
e já saíste engenheiro.

Nós damos Graças a Deus
ó meu querido sobrinho
além de pouco te vemos,
mas queremos-te com carinho.

Agora querido sobrinho
vais cumprir tua missão,
pois tu tens esse dever
ao serviço da Nação.

Nossa Senhora da Graça
É sua ermida velhinha
Terá a senhora Câmara
Que arranjar-lhe a casinha

Vão os pobres limpá-la
Pela graça que ela tem
Dá-nos a paz e doce bem
Esta bondosa rainha

Sempre pertenceu à Câmara
Mas no tempo do fascismo
Entregaram-na aos padres
Mas não foi à nossa vista

O Patriarca Cerejeira
Recebeu esta santinha
Mas não lhe arranjou dinheiro
Para lhe arranjar a casinha

As ermidas estão em baixo
Precisam ser consertadas
Arrecadar as esmolas
Não pensam fazer mais nada

Que tanta esmola recebe
Esta santa de alegria
Inda a Câmara vai mandar
Caíar-lhe a frontaria

Peço o povo desta terra
Tomar de novo esta entrega
De mãos abertas vai o povo
Oferecer-lhe as ofertas

Recebia mais ofertas
Se a Câmara lhe chamasse sua
Talvez se aumentasse a fé
É a cantiga da rua

Não se vê um benefício
Sem o povo dar esmola
Só pensam em explorar
Para encher a sacola

Nerecis benefício
Pelo ar da sua graça
Abençoa nossos campos
E a quem dele passa

Este ano há linda festa
Que tudo seja por bem
Ficou em Nisa velhinha
A graça que tudo tem

Denotaram o teu povo
Só a tua ermida ficou
E a senhora dos Prazeres
P'ra companhia ficou

Tinhas a casa de baile
Para toda a mocidade
Agora já está caiada
Mas já és de velha idade

Já nunca és consertada
Vai tudo cair no chão
Pois já cá não está o homem
Que pagava a construção

Nisa nova já és linda
Teus grandes melhoramentos
Dás pão a ganhar aos pobres
Viva o nosso presidente

Vai acabar com o cheiro
Que por vezes dá aflição
Já vais parecendo cidade
Vais mudar de situação

Nossa Senhora da Graça
Encheu Nisa de glória
Não posso explicar mais
Porque não sei a história

Nisa estás alastrando
Por estes campos em redor
Temos os caminhos limpos
Por estes campos em flor

Já temos bom maquinismo
Para isto aumentar mais
Adeus à vila de Nisa
És para nós os ideais

O povo está satisfeito
Com o nosso presidente
Pois dá andamento a tudo
É grande o contentamento

Vivam os que fazem a festa
E o rancho das cantarinhas
Venha o povo em nidade
À graça desta santinha

Nossa Senhora da Graça
Mãe do céu que alegria
Rezemos todos com fé
Pai-Nosso e Ave-Maria

Nossa Senhora da Graça
Vive na sua capela
É padroeira de Nisa
Tudo tem fé p'ra com ela

Nossa Senhora da Graça
Aliviá-nos a dor
Nas horas de amargura
Ouvi-nos por seu amor

Nossa Senhora da Graça
Socorrei os doentinhos
Nas horas de aronia
Visitaí-os coitadinhos

Nossa Senhora da Graça
Cercada de olivais
Deus queira que a nossa fé
Aumente cada vez mais

Nossa Senhora da Graça
Ajudai os estudantes
Muitos perderam a fé
Já nada é como dantes

Nossa Senhora da Graça
Nossa mãe celestial
Rogai pelos emigrantes
Que deixaram Portugal

Eles não esquecem a graça
Desta senhora de bem
Abençoai Portugal
Graças para Deus também



O asilo Lopes Tavares
É dos pobres a caridade
Pelo menos p'ros velhinhos
Que já têm longa idade

São tratados com amor
Limpinhos sempre asseados
Têm quem os proteja
E nele têm cuidados

Estes bondosos senhores
Que deixaram este bem
Deus os tenha em bom lugar
Que os velhinhos estão bem

Vão à missa de manhã
Vão cumprir esta missão
Orando o nome de Deus
Quem tem esta devoção

Divertem-se uns com os outros
Vão para casa também
Deixam os ir para a rua
Vão ver quem lhes quer bem

O asilo Lopes Tavares
Serve para rico e pobre
Quem sabe onde há-de chegar
Desde o mais baixo ao mais nobre

Ensinam a fazer bordados
De grande categoria
Para quem quer aprender
Com gosto e alegria

Tem creche para crianças
Ali estão bem protegidas
Tratadas com todo o amor
Essas crianças amigas

Com meiguice e carinho
Lá os fazem comer bem
E todos vão para casa.
A cantar o que lhes convém

Lá têm o jardim escola
Para os mais crescidinhos
Lá comem, brincam e saltam
Das irmãs têm carinhos

Os velhinhos lá se lembram
Do bem e mal que passaram
Dizem então uns p'ros outros
Ao que isto agora chegou

Dantes o pobre andava
Pelo patrão acalcado
Trabalhavam noite e dia
Por dez réis de mel coado

Falavam ao pobrezinho
E despediam-no sem razão
Vai-te que já não me serves
Pedaco de malandrão

Vinha a gente amargurado
Era vida de amargura
Desde que rompia o dia
Até vir a noite escura

Comia-se pão centeio
Com azeitonas e toucinho
Onde havia de chegar
O tempo do pobrezinho

Hoje são eles os pobres
Porque não querem trabalhar
Desprezaram os terrenos
Já não dão fruto nem folha

Nós hoje é que somos ricos
Se ganharmos a reforma
Cada vez vamos melhor
Ao antigo já não torna

Lembra pois o passado
Era sofrer era dor
Mas Deus concedeu-nos
Para todos o amor

O asilo Lopes Tavares
E a sua fundação
Todos o devemos orar
Com carinhos e oração

Junto aos restos mortais
Pai-nosso, Avé-Maria
Deus os tenha em bom lugar
Sede sempre sua guia

Há tanta gente empregada
Nesta casa só por bem
Alguns tomados de dor
Lá os protegem também

É esmola o bem tratar
Estas almas a sofrer
Têm a família espalhada
Mas não esquece o bem querer

Quando um dia eu for velhinha
Se não acabe esse bem
Se precisar de amparo
Hei-de ir para lá também

Todos lá têm lugar
É para rico e pobre
O bem e o mal dá p'ra todos
Tanto p'ro pobre como p'ro nobre

Hoje a vida é assim
Já é tudo por igual
O asilo Lopes Tavares
Trata tudo por igual

Da terra é que vem tudo
dela está tudo a fugir,
amanhã inda teremos
esta dor para sentir.

Tudo quer muito ganhar
para boas ramboiadas,
do trabalho tudo foge
isto assim não vale nada.

Tanto que já trabalharam
os pobrezinhos de outrora,
coitados nunca esperaram
de terem bom tempo agora.

Vão para os bancos do jardim
admiram a mocidade
veem teatro e cinema
hoje anda tudo à vontade.

Veio a reforma p'ros velhinhos
que trabalhavam ao desdem,
coitados nunca pensaram
que hoje tinham este bem.

Hoje do campo tudo foge
está mal o lavrador,
os pais nunca pensaram
que os filhos hoje tivessem dor.

Cada um na sua classe
faça aquilo que entender,
hoje todos somos iguais
para comer e beber.

Honrado seja o nome
que aos pobres fez este bem,
paz e amor em Portugal
e a graça para Deus também.

Nós somos todos iguais
mas sempre houve distinção,
Nossa Senhora da Graça
guardai a nossa Nação.

A moda hoje é a ganga
anda tudo engagado,
com a barriga de fora
anda tudo embriagado.

Ó Nisa tão pobre estás
Cada vez mais antiquinha
Inda há-de vir o tempo
Que havemos de usar roupinha

Não te deixam melhorar
Cada vez mais oprimida
Nunca começam as obras
Dentro da nossa avenida

Não deixam fazer indústrias
Para teres empregados
Por isso todos te deixam
Que tu não dás ordenados

Queres licença para tudo
Até para reles reboco
Estes que estão a mandar
É que o querem ganhar todo

Para tudo há licença
Tudo é preciso pagar
Já ninguém percebe a lei
Nem sabem como há-de andar

Até nas feiras se queixam
Estes pobres barraqueiros
Que o terrado nesta terra
Lhes custa muito dinheiro

Que não têm coração
Os que medem o terrado
Alguns pobres coitadinhos
Nem sequer fazer mercado

Não há indústrias
Que bem as podia haver
Há terrinhas pequeninas
Que tudo deixam fazer

Faz o povo a chorrecer
Não se ganha aqui dinheiro
Por isso obriã-se o povo
A ir para o estrangeiro

Até os caminhos velhos
Ninguém os sabe arranjar
As águas encharcam a terra
Não se pode neles andar

Há valas em todo o lado
E ninguém as vai tapar
Se fosse alguma estrada
Já tinha ido arranjar

Os que dão lucro à terra
É que andam nos caminhos
Em vez de irem a andar
Têm que ir aos saltinhos

Até os carros de bois
Têm que ir com atenção
Quando mal se descurdam
Estão caídos no chão

E para as pobres mulheres
Nem sabem como há-de andar
Têm que arranjar um barco
Para ao campo as levar

Isto é só para as mulherzinhas
Que andam pelos caminhos
Quando vão levar o almoço
Aos pobres pastorinhos

Anda o mundo às avessas
E ninguém se compadece
São as pagas de hoje em dia
Quem mais faz menos merece

Andam a roubar os borreguinhos
E nunca são castigados
Juntem os caçadores
E façam uma caçada

Comem tudo pelo campo
Não têm medo nenhum
Começam pelos borregos
E levam galinhas e perús

Não têm medo de nada
Mesmo com o cão a ladrar
Eles ainda respondem
A dizer-lhe bau, bau, bau...

Ó Nisa terra linda
Tens nome para mim afamado
Pois tu na vida moderna
Terás fábricas e empregados

Só tens luxo no vestir
É tudo à boca de sino
Os trajos que agora usam
Até fazem perder o tino

As mulheres já usam calças
E também mini-saias
Andam a correr as ruas
Parecem uma catraias

Tudo de cabelos grandes
Rapazes e raparigas
Meninas tenham cuidado
Não se fiem em cantigas

Gosto de Nisa
Porque ela foi o meu berço
Muitos a deixam
Para outra terra adorar
Mas vem um dia
Não se podem esquecer
Pois a saudade faz vir
A sua terra abraçar

Tens a senhora da graça
Que protege os portugueses
Os de longe e os de perto
Nas horas de aflicção
Todos dela nos lembramos
Com as nossas orações
Lá a vamos adorar
Pedindo pelos soldados
E pela paz das nações

Nisa tão linda
Para mim não há igual
És de todos estimada
Rainha de Portugal
Tens as lindas cantarinhas
Com lindos ramos de flores
É esta recordação
Que fazem as raparigas
A cantar aos seus amores

Nisa tu tens graça
Para toda a gente que passa
O teu jardim ao luar
Tem flores perfumadas
Vão à noite passear
Com as suas namoradas
Que ali vão passar serões
A ouvir as serenatas

Nisa tem lindo artesanato
Os teus trabalhos se espalham
Por todo o Portugal
Lindos trabalhos se fazem
Com grande perfeição
Alinhavados e rendas
Que a nós dá admiração

Nisa velhinha
Para mim és um amor
Dá-nos a graça de lembrar a tua dor
A nossa fé é esperança
No coração nunca passa
Temos sempre fé em Deus
Estamos todos em Graça

És pobre não tens indústria
Não se ganha aqui dinheiro
Por isso te abandonaram
E foram para o estrangeiro
Mas por nós todos és lembrada
És os nossos ideais
No mês de Agosto te visitam
Vêm abraçar os pais

O vinte e cinco de Abril
Em Nisa deu linda festa
Pois nós nunca tivemos
Na terra outra como esta
O emigrante adora
Pois nele sempre tem fé
Com cantos de distração
Terrinha do cachiné

És para mim
O meu herço ideal
Com saudades, és imortal
Lendas e fadistas
Terrinha dos meus avós
Que não te desmanches
Para bem de todos nós

I

Ó Nisa és minha terra
Gosto de ti, é verdade
O teu amor é tão forte
Que não te posso deixar
São saudades profundas-bis
De amor e de beleza
Adora meu coração- bis
Esta terra portuguesa

coro

Ó Nisa estás aumentada
Tens novidades sem fim
Tens uma praça fechada
Tens um bonito jardim
Tens luxo cada vez mais
Ó terra das cantarinhas
Tens bordados e tens rendas
Ó Nisa saudade minha

II

Ó Nisa vai para diante
Com fé amor e carinho
Se me sinto satisfeita
A viver neste cantinho
O tempo voltou atrás- bis
Não sei onde irá parar
Mas nisa segue para a frente - bis
Para trás não sabe andar

III

Terrinha do Alentejo
És um berço de embalar
Tenho-te amor verdadeiro
E não te posso deixar
Recorda-me a saudade - bis
Do tempo que já passou
És meu berço de criança - bis
De carinho e de saudade

(Com a música do "TEMPO VOLTA PARA TRÁS")

Nisa estás pobrezinha
Já ninguém quer trabalhar
Tudo quer bom ordenado
Tudo se quer empregar

Para a vida da agricultura
Já ninguém quer concorrer
Daqui por mais algum ano
Não sei o que há-de ser

Tudo quer luxo e vaidade
Seja pobre, seja rico
Estamos na vida moderna
Tudo quer parecer bonito

Usar lindas camisolas
E camisas de TV
E a calça de terilene
Em toda a classe se vê

Já tudo passa a ferro
Hoje tudo traja bem
Nesta era em que estamos
Ninguém junta um vintém

Sala justa é a moda
Até mal podem andar
Tudo quer ser delicado
Nem sabem o que hão-de usar

No tempo dos nossos pais
A moda não era assim
Camisar de pano cru
E calcintas de cotim

Minha mãe também usava
Sala comprida e rodada
Um lençinho no pescoço
E uma roupinha encarnada

Hoje tudo come bem
O ganho chega para tudo
O mundo está mudado
Já sempre parece entrudo

Este tempo é muito bom
Na nossa terra até é uso
Quando vão fazer exame
Levarem um relógio já no pulso

Não há tempo como este
Tudo come e traja bem
Tudo tem luxo e vaidade
Em casa de quem o tem

Nisa é para mim
Um ideal, um amor
É pena não teres indústria
Para te dar mais valor

Só vais tendo lindos prédios
Vais indo ao modernismo
A pouco e pouco vais estendo
A parecer um paraíso

Tens agora o artesanato
A mostrar lindos bordados
Têm fama os teus trabalhos
Quem os vê fica encantado

Apresentas cobertores
Com faixa de lindas cores
Outros bordados à mão
Com cravos e lindas flores

Jogos de quarto e sala
E estojos de costura
Alinhavados e rendas
São trabalhos de formosura

Senhoras e raparigas
Fazem esta colecção
Estrangeiros e portugueses
Têm grande apreciação

Cada um pede o que quer
E o trabalho é feito
Tudo com um grande gosto
E não se encontra um defeito

Há muita gente empregada
Neste artesanato original
Por todo o estrangeiro têm fama
Os trabalhos de Portugal

Quem descobriu o artesanato
Para empregar o mulheiro
Foi o Sr. D. Celeste
E também seu senhorio

Vê-se hoje um trabalho lindo
Amanhã outro ainda mais
Também temos as cantarinhas
E as bilhas Regionais

O Sr. Professor Alvega
Descobriu este minério
Tem trabalho e canseira
Para resolver um caso sério

Se mais alguém encontrasse
P'ros homens ganharem dinheiro
Sempre alguns se empregavam
Não iam p'ro estrangeiro

Vão à Praça da República
Ver os trabalhos de Nisa
Este é só para as mulheres
Mas os homens também precisam

Qualquer terrinha pequena
tem fábricas a aumentar
Aqui da vila de Nisa
Está tudo a ausentar

Não à terra como a nossa
Que tem sorriso e graça
O artesanato original
Dá saudades a quem passa

Admirar estes trabalhos
Quem cá vem tudo adora
Mas para os homens não há nada
Por isso Nisa até chora

Os homens vão-se embora
Ganhar para o estrangeiro
Fois temos o Ultramarino
Para lhes guardar dinheiro

Segurai o nosso povo
Senhores que têm poder
Explorai a nossa terra
Para dar pão para comer

Hoje tudo quer ganhar muito
E o rendimento não dá
A vida está do pior
Ai de nós o que será

Viva o professor Alvega
Os trabalhos para bem
Anda tudo satisfeito
Porque ganha bom vintém

Deus lhe dê saúde e sorte
Graças a Nosso Senhor
P'ra que isto vá aumentando
É que se tenha sempre amor

Ao recordar-me o passado
Os "tempes" que já lá vão
Como tudo "desmedou"
E me dá admiração.

Quando eu era criança
Passei tormentos de dor
Pois só havia pobreza
Com maus tratos, que horror.

Comíamos pão centeio
Às vezes tão trigueirinho
E era dado por medida
Molhado ali num caldinho.

Deixava-se na bacia
Um caldinho de feijão
Com uma pinga de azeite
E molhava-se o pão.

Era para nós alegria
Ao "vermes" este "petisque"
A carne andava de fora
Para os pobres era triste.

Lá havia algum fidalgo
Que comia pão de triso
Lá matavam um porquinho,
Mas isso não era comigo.

Eu sonhava "p'raviar"
Um recado às vizinhas
Ia na esperança de me darem
P'ra comer melhor coisinha.

O comer era tão fraco
Tudo nos sabia bem
Era o tempo da miséria
O pobre não tinha vintém.

Andávamos trabalhando
Desde que rompia o dia
Cantando lindas cantigas
Era p'ra nós alegria.

Lá dormíamos toda a semana.
A cama era palha e riesta
Como isto "desmedou"
Não há vida como esta.

Andava por lá semanas
Às moitas e a mondar,
À bolota e "azeitona"
Sempre havia que sernar.

Depois ia-se cavar milho
Saxar grandes milharadas
Era de manhã à noite
A puxar pela enxeta.

Tinha o patrão duas partes
E a gente só tinha uma
Inda diziam alguns:
— "O tabaco é p'ra quem fuma".

Enchiam os seus celeiros
Com o "suor" dos desgraçados.
Trabalhavam noite e dia
Por dez réis de mel coado.

Quando andavam nas colheitas
Davam cozinha aos criados
Porque o trabalho era duro
E sentiam-se enfadados.

Levavam-lhe canadadas"
Feijão frade com toucinho.
Era o trato que fazia
O rico ao pobrezinho.

E tudo sabia bem
Havia sempre apetite
Hoje "aventam" o toucinho
Só querem comer chouriço.

Almoçava-se de noite
Papas fritas com toucinho
Quando saiam de casa
Ia tudo "aviadinho".

Soavam passos na rua
Logo alta madrugada
Lá iam os lavradores
A cavalo nas montadas.

Hoje sai tudo alto dia
Com boas "calajadas"
Um bom lanche p'ró almoço
E boas motorizadas.

Anda tudo a ver de emprego
Já tudo mete figura
Mas não há ninguém que siga
A vida da agricultura.

Tanta terra abandonada
Os campos metem horror
O tempo está muito mau
P'rá vida de lavrador.

Está mal p'ró lavrador
P'ro campo ninguém quer ir
Coitados nunca pensaram
Ter esta dor para sentir.

Não sei que vida é esta
Tanta coisa nos faz pasmar
O bacalhau foi de licença
Para as terras de além-mar

O açúcar também falta
Faz o povo este acto
Ali em menos de nada
Tudo está esgotado

Até a carne de porco
É cara, não tem tabela
Pega um bocado, é tanto
E vão ficando com ela

Pesa uma peça ou duas
Nem o povo chega a ver
O preço está logo feito
E a gente nem fica a saber

Depois o troco não há
Dão fogforos e rebuçados
Têm prédios luxuosos
A custa dos desgraçados

Nas hoje tudo ganha bem
Mesmo os velhinhos de outrora
Coitados muito sofreram
Para terem reforma agora

No jardim se apresentam
Lembrando os tempos passados
Trabalhavam noite e dia
Por dez réis de mel coado

Está tudo fora de moda
Nem sequer usam camisa
Trazem o umbigo à vista
E de guarda não precisam

Passeiam eles e elas
Não se chega a conhecer
A mulher passa a ser homem
E o homem é a mulher

Uns dias tapam o rabo
Outras vezes quase nuas
Depois para melhor se verem
Põem-se a correr as ruas

Querem levantar o preço
E depois fazer a crise
Para a outra vez é mais caro
Eles até gostam disto